

Bookdown Meus Resumos

Daniel Claudino

2022-11-01

Sumário

1	Apresentação	5
1.1	Controle de Versão	5
1.2	Referências Bibliográficas	6
1.3	Observação Importante	7
2	P1 - Anatomia Humana	9
3	P1 - Introdução à Psicologia	11
3.1	Livro: Psicologias Uma Introdução ao Estudo da Psicologia (BOCH; FURTADO; TEIXEIRA, 2001)	11
3.2	Livro: Teorias da Personalidade (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2014)	21
3.3	Livro: Introdução à Psicologia (FELDMAN, 2015)*	21
3.4	Livro: Introdução à Psicologia (DAVIDOFF, 2001)	31
3.5	Referências Bibliográficas	31
4	P1 - História da Psicologia	33
5	P1 - Introdução à Filosofia	35
5.1	Livro: Introdução à Filosofia - CHAUI - 2.ed. - 2013	35
6	P1 - Leitura e Produção Textual	45
7	P1 - Metodologia Científica	47
7.1	Resumo do Livro “ Fundamentos de Metodologia Científica ” (MARCONI; LAKATOS; TEIXEIRA, 2017)	47

Capítulo 1

Apresentação

Bookdown Meus Resumos



Figura 1.1: Autor: Daniel Claudino

Neste bookdown estarão contidos os resumos de: * Capítulos de livros * Artigos
* Monografias * Dissertações * Teses * Notícias de jornais

Esses materiais estarão relacionados com as disciplinas do 1º até o 10º período do curso de Bacharelado em Psicologia, bem como com a elaboração do meu TCC, artigos, dissertações e teses a serem publicados por mim.

1.1 Controle de Versão

Versão	Data / Hora	Colaborador	Descrição da Contribuição
0.1	01/11/2022 11h34	Daniel Claudino	Versão inicial do documento

1.2 Referências Bibliográficas

1.2.1 Bibliografia Básica

DAVIDOFF, Linda L. Introdução à Psicologia. São Paulo: Makron Books, 2001.

SPINK, M. J. P. Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAISTO, Albert A.; MORRIS, Charles G. Introdução a Psicologia. 6 ed. São Paulo, Prentice Hall, 2004. [Livro Eletrônico]

1.2.2 Bibliografia Complementar

BRIGAGÃO, J., NASCIMENTO, V. L. V., & SPINK, P. K. (2011). As interfaces entre psicologia e políticas públicas e a configuração de novos espaços de atuação. Sorocaba, (páginas, 199-215).

CASTRO, E. K., & BORNHOLDT, E. (2004). Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. Psicologia Ciência e Profissão (páginas, 48-57).

COELHO, Wilson Ferreira. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: Editora Pearson, 2014. [Livro Eletrônico]

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. Psicologia do Desenvolvimento. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2010. [Livro Eletrônico]

DIAS, A. C. G., PATIAS, N. D., & ABAID, J. L. W. (2014). Psicologia escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões. Revista Psicologia Escolar e Educacional (páginas 105-111).

FEIST, J., FEIST, G., & ROBERTS, T. A. (2015). Teorias da Personalidade.

FELDMAN, Robert S. Introdução à Psicologia. Porto Alegre: Editora AMGH, 2015.

ILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO, Geovanio. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo, Contexto, 2014. [Livro Eletrônico]

LIMA, C. F., & PIMENTEL, C. E. (2017). Livro: Revisitando a Psicologia Social. MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. [Livro Eletrônico]

PADILHA, S., NORONHA, A. P. P., & ZANCHET, C. F. (2007). Instrumentos de avaliação psicológica: uso e parecer de psicólogos. Avaliação psicológica (páginas, 69-79).

SCHULTZ, D. & SCHULTZ, S. E. (2019). História da Psicologia moderna.

ZANELLI, J. C., BASTOS, A. V. B., & RODRIGUES, A. C. A. (2014). Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil. (Orgs).

1.3 Observação Importante

NOTA: Este material tem como finalidade auxiliar a fixação de assuntos estudados em sala de aula de acordo com o **plano de ensino desta disciplina**.

Ele **não deve ser** utilizado como **único material de estudo para a prova**, então:

1. Consulte os **slides da professora** na plataforma FTM;
2. Faça **notas de aula** do que for tratado em sala de aula;
3. Consulte nossas **notas de aula**;

Dúvidas: Devem ser encaminhadas no grupo de whatsapp da disciplina.

Capítulo 2

P1 - Anatomia Humana

Neste capítulo estarão contidos os resumos relacionados com a disciplina Anatomia Humana.

Em breve...

Capítulo 3

P1 - Introdução à Psicologia

Neste capítulo estarão contidos os resumos relacionados com a disciplina Introdução à Psicologia.

3.1 Livro: Psicologias Uma Introdução ao Estudo da Psicologia (BOCH; FURTADO; TEIXEIRA, 2001)

Figura - Livro Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001

capa-livro-psicologias.jpg

3.1.1 Capítulo 3 - O Behaviorismo

- Em breve, disponibilizaremos.

3.1.2 Capítulo 4 - A Gestalt

3.1.2.1 A Psicologia da Forma: Introdução à Psicologia da Gestalt

- Para Bock (2001, p. 59) a Psicologia da Gestalt é uma das tendências teóricas mais **coerentes** e **coesas** da história da psicologia.
- O termo Gestalt é de origem alemã e tem significado aproximado ao de **forma** ou **configuração**, ****porém**** **NÃO É UTILIZADO** por não corresponder exatamente ao seu real significado em psicologia.
- No final do século XIX, estudiosos procuravam compreender o **fenômeno psicológico** em seus aspectos naturais.
 - Principalmente no sentido da **mensurabilidade** (A Psicofísica em voga).

3.1.2.1.1 Predecessores da Psicologia da Gestalt

- Estudiosos considerados os mais diretos predecessores/antecessores da Psicologia Gestalt:
 - Ernst Mash (1838-1916), físico;
 - Christian von Ehrenfels (1859-1932), filósofo e psicólogo
- Estudos desenvolvidos:
 - Estudos psicofísicos sobre as **sensações de espaço-forma e tempo-forma**
 - * Dado Psicológico: Sensações
 - * Dados Físico: espaço-forma e tempo-forma
- Fundadores
 - Max Wertheimer
 - Wolfgang Kohler
 - Kurt Koffka

3.1.2.1.2 Fundadores da Psicologia da Gestalt

- Os fundadores da Psicologia da Gestalt construíram a **base de uma teoria psicológica**.

Figura - Max Wertheimer :speaker: (1880-9343)	Figura - Wolfgang Kohler :speaker:(1887-1967)	Figura - Kurt Koffka :speaker:(1886-1941)
---	---	--

Obs: Clique em :speaker: para ouvir a pronúncia dos nomes dos cientistas acima.

- Estudos iniciais
 - Estudos da percepção e sensação do movimento;
 - Preocupação: Compreender **quais processos psicológicos** estavam envolvidos na **ilusão de ótica** quando o estímulo é percebido como uma **forma** diferente da que o sujeito tem na realidade.
 - * Exemplo: Cinema; fotogramas estáticos; imagem formada na retina que demora um pouco para ser apagada; ilusão de óptica do movimento (sensação).

3.1.2.2 A percepção

- É **ponto de partida** e **tema central** da Psicologia da Gestalt;
- Teoria Behaviorista
 - **Princípio Implícito:** Há uma relação de **causa** e **efeito** entre o **estímulo** e a **resposta**
- Para Gestaltistas há um questionamento desse **princípio implícito da teoria behaviorista**
 - Entre o **estímulo** e a **resposta** encontra-se o ****processo de percepção****

3.1. LIVRO: *PSICOLOGIAS UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA* (BOCH; FURTADO)

- ****O QUE**** o indivíduo percebe e ****COMO**** o indivíduo percebe ****são importantes para entender o COMPORTAMENTO****

flowchart LR

OQ(0 que)--A Pessoa Percebe-->CC(Entendimento do Comportamento)

CM(Como)--A Pessoa Percebe-->CC

3.1.2.2.1 Posição de Behavioristas x Gestaltistas diante do Objeto da Psicologia

- Ambos definem a psicologia como a ****ciência que estuda o COMPORTAMENTO****
- Para os Behavioristas:
 - É mais profunda a preocupação com a **objetividade**;
 - O **estudo com comportamento** é feito através da **relação estímulo-resposta**;
 - Despreza os ****conteúdos da consciência**** pela impossibilidade de controlar cientificamente **essas variáveis**;
 - Procura isolar o **estímulo** que corresponderia à **resposta** desprezando ****conteúdos da consciência**** pela impossibilidade de controlar cientificamente **essas variáveis**;
- Para os gestaltistas:
 - Há uma **crítica a abordagem behaviorista** acima;
 - Acreditam que existe um **contexto mais amplo** que é importante no **estudo do comportamento**
 - * Esse **contexto mais amplo** são as ****CONDIÇÕES**** que **afetam/alteram** nossa capacidade de ****PERCEBER**** o **estímulo**;
 - Entendem que estudar o comportamento isolado de um **contexto mais amplo** pode prejudicar o entendimento do comportamento pelo psicólogo;
 - O comportamento é estudado em seus aspectos mais globais levando em consideração as ****CONDIÇÕES**** que **afetam/alteram** nossa capacidade de ****PERCEBER**** o **estímulo**

3.1.2.2.2 O que Garante o Entendimento do que Eu Percebo ?

- Quando eu vejo
 - Uma parte de um objeto
- Ocorre uma tendência à
 - restauração do **equilíbrio da forma**
- Garantindo * O entendimento do que estou percebendo

3.1.2.2.3 O Fenômeno da Percepção

- É norteadado pela busca de
 - **fechamento** dos pontos que compõem uma figura;

- **simetria** dos pontos que compõem uma figura;
- **regularidade** dos pontos que compõem uma figura;
- **Rudolf Arnheim** afirma que o **sentido normal da visão** apreende um **padrão global**;

Figura - Lei básica da percepção visual para os psicólogos da Gestalt

- Observações a respeito da Figura:
 - **Figura 1:**
 - * Percebemos como um **quadrado** e não como uma **figura inclinada** ou um **perfil** (Figura 2)
 - **Figura 3:**
 - * Após acrescentarmos quatro pontos, o padrão percebido na Figura 1 irá mudar e perceberemos um **círculo**
 - **Figura 4:**
 - * É possível ver tanto **círculos brancos** quanto **quadrados brancos** nos centros das cruzes;

Qualquer padrão de estímulo tende a ser visto de tal modo que a **estrutura resultante** é tão **simples** quanto as **condições dadas** permitem

3.1.2.3 A boa-forma

- A Psicologia da Gestalt encontra as **condições** para a **compreensão do comportamento humano** nos **fenômenos da percepção**.
- Em relação aos nossos comportamentos:
 - Em alguns casos, **guardam estreita relação com os estímulos físicos**;
 - Em outros casos, **são completamente diferentes do esperado** porque “****entendemos o ambiente****” **de maneira diferente da sua realidade**.
 - Exemplo:
 - * Cumprimentar uma pessoas e depois descobrir que cumprimentamos uma pessoa desconhecida (**Erro de Percepção**);
- Não há **boa forma** quando **nos elementos percebidos** não há:
 - Equilíbrio
 - Simetria
 - Estabilidade
 - Simplicidade
- **O elemento que objetivamos compreender**
 - COMO DEVE SER APRESENTADO
 - * Deve ser apresentado em **aspectos básicos** que **permitam a sua decodificação (percepção da boa forma)**

Figura - Observe a RETA: Elemento que desejamos compreender

- (...)

3.1. LIVRO: *PSICOLOGIAS UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA* (BOCH; FURTADO)

- COMO DEVEM SER DISTRIBUÍDOS OS ELEMENTOS QUE O COMPÕEM * Para garantir a **boa forma** devem ser apresentados com - Equilíbrio - Simetria - Estabilidade - Simplicidade
- A **tendência da nossa percepção** em buscar a **boa forma** permitirá a relação **figura-fundo**
- Quanto mais clara (simples, estável, simétrica e equilibrada) estiver a **boa-forma**
 - Mais clara será a **separação** entre **figura** e **fundo**;
- Quanto menos clara estiver a boa forma
 - Mais difícil será distinguir o que é figura e o que é fundo (****Figura Ambígua****);

3.1.2.4 Meio Geográfico e Meio Comportamental

- O comportamento **É DETERMINADO** pela **PERCEPÇÃO DO ESTÍMULO**;
- O comportamento está/estará sujeito a **LEI DA BOA-FORMA**;
- O **CONJUNTO DE ESTÍMULOS** determinantes do comportamento é denominado **MEIO AMBIENTAL** (ou apenas MEIO)
- Existem DOIS TIPOS DE MEIOS AMBIENTAIS
 - **Meio GEOGRÁFICO**
 - * É o meio enquanto tal;
 - * É o meio físico EM TERMOS OBJETIVOS;
 - **Meio COMPORTAMENTAL**
 - * É o meio resultante de INTERAÇÃO (Indivíduo <==> Meio Físico)
 - * Implica a **INTERPRETAÇÃO** desse meio através das **FORÇAS** que regem a **PERCEPÇÃO**;
 - a. Forças que regem a percepção:
 - b. Equilíbrio
 - ii. Simetria
 - iii. Estabilidade
 - iv. Simplicidade
- Exemplo
 - Cumprimentar uma pessoa desconhecida
 - Se só tivéssemos o **MEIO GEOGRÁFICO**, essa seria a nossa **ÚNICA POSSIBILIDADE** de percepção;
 - A **SITUAÇÃO** levou-nos a uma **INTERPRETAÇÃO DIFERENTE DA REALIDADE** e ocorre a confusão com uma pessoa conhecida
 - * **DADOS DA SITUAÇÃO**:
 - a. Encontro casual
 - b. Encontro em movimento
 - c. Impulso em manifestar uma reação ao encontro
 - No caso desse exemplo
 - * A semelhança entre as duas pessoas foi **A CAUSA DO**

ENGANO(=COMPORTAMENTO)

- * Houve uma tendência em ESTABELECEER A UNIDADE DE SEMELHANÇAS entre as duas pessoas, MAIS QUE SUAS DIFERÊNCIAS.
- Essa **TENDÊNCIA A “JUNTAR” OS ELEMENTOS** é o que a Gestalt denomina de **FORÇA DE CAMPO PSICOLÓGICO**;
- Nessa **PARTICULAR INTERPRETAÇÃO DO MEIO (= O MEIO AMBIENTAL)**
 - O que PERCEBEMOS é “UMA REALIDADE”:
 - * Realidade **PARTICULAR**
 - * Realidade **OBJETIVA**
 - * Realidade **CRIADA POR NOSSA MENTE**

3.1.2.5 Campo Psicológico

- Campo psicológico é uma tendência que **garante** (1) a busca pela melhor forma possível **em situações que não estão muito claras**.

flowchart LR

A(CAMPO
PSICOLÓGICO
Um Processo)-->B(Uma TENDÊNCIA)

B--Garante-->C(Busca da MELHOR FORMA
possível)

B--Que Ocorre
Quando nos
Deparamos-->D(Com SITUAÇÕES NÃO
MUITO CLARAS)

3.1.2.5.1 Princípios do Campo Psicológico

- O campo psicológico é um processo que ocorre de acordo com **PRINCÍPIOS**:

flowchart LR

A(CAMPO PSICOLÓGICO)--Possui-->B(PRINCÍPIOS)

B-->C(Proximidade)-->F(Os ELEMENTOS mais próximos
tendem a ser AGRUPADOS)

B-->D(Semelhança)-->G(Os ELEMENTOS SEMELHANTES
são AGRUPADOS)

B-->E(Fechamento)-->H(Ocorre uma TENDÊNCIA
de COMPLETAR os
ELEMENTOS FALTANTES)

3.1.2.6 Insight

- Significa **COMPREENSÃO IMEDIATA**;
- Existe uma diferença em como duas correntes psicológicas concebem o ***processo de aprendizagem**:
 - **A Gestalt**
 - * Acredita que a APRENDIZAGEM é uma **RELAÇÃO** entre o **TODO** e a **PARTE**;
 - **O Associativismo / Behaviorismo**
 - * Acredita que a APRENDIZAGEM é uma relação de coisas **MAIS SIMPLES** para coisas **MAIS COMPLEXAS**;
- Na perspectiva da Gestalt, a APRENDIZAGEM é uma relação entre o **TODO** e a **PARTE**

3.1. LIVRO: *PSICOLOGIAS UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA* (BOCH; FURTADO)

- Exemplo: É possível uma criança de 03 anos, que não sabe ler, distinguir a marca de um refrigerante e nomeá-lo corretamente.
 - * Ela identificou e SEPAROU a PALAVA em sua TOTALIDADE, distinguindo a PALAVRA(figura) e o FUNDO;
 - * A criança aprendeu a ler a PALAVRA não juntando as letras, mas DANDO SIGNIFICADO ao TODO;
- Nem sempre **AS SITUAÇÕES VIVIDAS** se apresentam DE FORMA CLARA de maneira a permitir uma PERCEPÇÃO IMEDIATA.
 - Essas situações DIFICULTAM O PROCESSO DE APRENDIZADO, porque não permitem uma clara definição da FIGURA-FUNDO, impedindo a relação PARTE/TODO

3.1.2.6.1 Explicação do Fenômeno de INSIGHT

- Às vezes, estamos olhando para um **FIGURA** que **não tem sentido para nós**
- De repente, sem que tenhamos feito nenhum esforço especial, **A RELAÇÃO FIGURA-FUNDO SE ESTABELECE.**

3.1.2.7 Teoria de Campo de Kurt Lewin

Figura - Kurt Lewin (1890-1947) *.

3.1.2.7.1 Kurt Lewin (1890-1947)

- Foi um psicólogo germano-estadunidense pioneiro da Psicologia Aplicada, Social e Organizacional nos Estados Unidos*.
- Trabalhou 10 anos com os pioneiros da Gestalt: Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka
- Não era um Gestaltista, apesar dessa colaboração, já que ele seguiu um caminho teórico diferente desses pioneiros
- Da colaboração com os pioneiros da Gestalt nasceu a **Teoria de Campo**
- Lewin partiu da **teoria da Gestalt** para construir novos conhecimentos para a psicologia.
 - Ele abandonou a preocupação **psicofisiológica**
 - Ele buscou na **Física** a base metodológica de sua psicologia.

3.1.2.7.2 O Conceito de Espaço Vital e de Campo Psicológico de Lewin CAMPO VITAL

flowchart LR

A(Pessoa)<-->B

C(Ambiente)<-->B(((Relação com)))

- A **DEFINIÇÃO** de **ESPAÇO VITAL**: “A **totalidade dos fatos** que **DETERMINAM** O **COMPORTAMENTO** do indivíduo, num certo

momento”.

- Outro conceito definido por Lewin foi o de **campo psicológico**: “É o espaço vital considerado dinamicamente” que deve ser considerado (1)tal como ele se apresenta para o indivíduo, (2)em um determinado momento.
 - Leva-se em conta:
 - * O indivíduo
 - * O meio
 - * A **totalidade dos fatos** coexistentes e mutuamente interdependentes
- O CAMPO PSICOLÓGICO **NÃO É** uma **realidade física**.
- O CAMPO PSICOLÓGICO **É** uma **realidade fenomênica**.
- Para Lewin, **NÃO SÃO APENAS** fatos físicos que produzem efeitos sobre o **comportamento**
- O CAMPO PSICOLÓGICO deve ser representado:
 - (1) **tal como ele existe para o indivíduo**,
 - (2) **num determinado momento**.
 - Ele não existe de forma isolada e estática (“... e não como ele é em si.”).
- São **ESSENCIAIS** para CONSTRUÇÃO DO CAMPO PSICOLÓGICO:
 - Os objetivos CONSCIENTES;
 - Os objetivos INCONSCIENTES;
 - Os sonhos;
 - Os medos;
 - As amizades;
 - O AMBIENTE FÍSICO;

3.1.2.8 A REALIDADE FENOMÊNICA EM KURT LEWIN

O que é essa realidade fenomênica ?

1. A MANEIRA PARTICULAR COMO UM INDIVÍDUO INTERPRETA DETERMINADA SITUAÇÃO -> MEIO COMPORTAMENTAL da GESTALT
 - Obs: “A maneira particular como um indivíduo **INTERPRETA**” significa a maneira como cada indivíduo **PERCEBE** enquanto fenômeno psicofisiológico
2. As **CARACTERÍSTICAS DE PERSONALIDADE** do indivíduo;
3. Os **COMPONENTES EMOCIONAIS** ligados à situação **de vida e vivida** própria do indivíduo;
4. Os **COMPONENTES EMOCIONAIS** ligados **ao grupo** ao qual o indivíduo pertence;
5. As **SITUAÇÕES PASSADAS** que estejam ligadas ao acontecimento

flowchart LR

```

A(<b>MANEIRA PARTICULAR</b> COMO <br><u>UM INDIVÍDUO</u> <b>INTERPRETA</b> <br><u>DETERMINADA SITUAÇÃO</u> -> B(<b>CARACTERÍSTICAS DE<br>PERSONALIDADE</b><br>do indivíduo)--> F
C(<b>COMPONENTES EMOCIONAIS</b><br>ligados à <br>situação DE VIDA e VIVIDA<br>própria do indivíduo)--> F
  
```

3.1. LIVRO: *PSICOLOGIAS UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA* (BOCH; FURTADO)

D(COMPONENTES EMOCIONAIS
ligados ao GRUPO
ao qual o indivíduo pertence)-->F
E(SITUAÇÕES PASSADAS
que estejam ligadas
ao acontecimento)-->F(ESPAÇO VITAL
que
F-->G(A TOTALIDADE DOS FATOS que
determinam o comportamento
do indivíduo num deter

3.1.2.9 EXEMPLO: Campo Psicológico e Espaço Vital

1. RELATO:

Um rapaz, ao chegar a sua casa, surpreende os pais num final de conversa e escuta o seguinte: “Ele chegou, é melhor não falarmos disso agora”. **Ele entende que OS PAIS CONVERSAVAM SOBRE UM ASSUNTO SÉRIO**, de que **ele não deveria tomar conhecimento. RESOLVE não fazer nenhum comentário sobre o assunto**. Dias depois, chegando novamente em casa, encontra seus pais na sala com dois homens em ternos escuros. Imediatamente, associa esses homens ao final da conversa escutada e entende que eles, de alguma forma, estariam relacionados às preocupações dos pais.

2. COMPORTAMENTO DETERMINADO PELO CAMPO PSICOLÓGICO:

- “**RESOLVE** não fazer comentários sobre o assunto”;
- Ele procurou “**fingir que não havia escutado**”;

3. CONSIDERAÇÕES:

- Nessa estória, o **CAMPO PSICOLÓGICO** é representado pelas “**linhas de força**” que (1/2)atraem a percepção e (2/2)lhe dão significado;
- O rapaz (indivíduo) interpretou a situação pelo seu **ASPECTO FENOMÊNICO** e não pelo que ocorria de fato;
- A INTERPRETAÇÃO ganhou CONSISTÊNCIA com a visita de duas pessoas que ele não conhecia (TOTALIDADE DOS FATOS). Isso foi possível porque o rapaz havia MEMORIZADO A SITUAÇÃO ANTERIOR e a ela ASSOCIADO A SITUAÇÃO SEGUINTE (a nova situações ganhou significado quando ligada a situação anterior);
- O **ESPAÇO VITAL** é a SITUAÇÃO MAIS IMEDIATA (A que DETERMINOU O COMPORTAMENTO);
- O entendimento do **ESPAÇO VITAL** depende diretamente do **CAMPO PSICOLÓGICO**.

A compreensão do que Determina o Comportamento, segundo Kurt Lewin

flowchart LR

A(Compreensão do
CAMPO PSICOLÓGICO)-->B(Compreensão do
ESPAÇO VITAL)
B-->C(Compreensão do que
DETERMINA O COMPORTAMENTO)

3.1.2.10 A Compreensão do CONCEITO DE GRUPO

- Praticamente todos os momentos de nossas vidas OCORREM dentro de GRUPOS;
- Para Lewin:
 - A **CARACTERÍSTICA** ESSENCIALMENTE DEFINIDORA DE **GRUPO** é a **INTERDEPENDÊNCIA** de seus membros.
 - Um grupo não é a **SOMA DE CARACTERÍSTICAS** de seus membros;
 - Um grupo é **ALGO NOVO**, resultante dos **PROCESSOS QUE OCORREM DENTRO DO GRUPO**
 - A MUNDANÇA DE UM MEMBRO PODE ALTERAR COMPLETAMENTE A DINÂMICA DO GRUPO;
- Os estudos de Lewin:
 - Deram ÊNFASE aos **PEQUENOS GRUPOS**;
 - Sobre os **GRANDES GRUPOS**: Ele considerava que a Psicologia não tinha **INSTRUMENTAL SUCICIENTE** para entender o estudo das **GRANDES MASSAS**;

3.1.2.11 O conceito de CAMPO PSICOLÓGICO e a PSICOLOGIA SOCIAL

- Lewin criou o conceito de CAMPO SOCIAL que é formado pelo GRUPO e pelo AMBIENTE;
- Uma das **CARACTERÍSTICAS DO GRUPO** é o **CLIMA SOCIAL**;
- Existe uma **LIDERANÇA NO GRUPO**
 - Tipos de **LIDERANÇA**:
 - * Autocrática
 - * Democrática
 - * *Leiszez-faire*
- Lewin pesquisou a **DINÂMICA GRUPAL** através de um **TRABALHO EXPERIMENTAL** minucioso;
- As contribuições de Kurt Lewin:
 - Estão presentes até hoje;
 - Embasam:
 - * **OUTRAS TEORIAS** que envolvem grupos;
 - * **TÉCNICAS** de trabalho com grupos

3.1.3 Capítulo 5 - A Psicanálise

- Em breve, disponibilizaremos.

3.1.4 Capítulo 7 - A Psicologia do Desenvolvimento

- Em breve, disponibilizaremos.

3.2 Livro: Teorias da Personalidade (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2014)

Figura -Livro Teorias da Personalidade (FEIST; FEIST; ROBERTS, 2014)

3.2.1 Capítulo 9 - Maslow: Teoria-Holístico-Dinâmica

- Em breve, disponibilizaremos.

3.2.2 Capítulo 10 - Rogers: Teoria Centrada na Pessoa

- Em breve, disponibilizaremos.

3.3 Livro: Introdução à Psicologia (FELDMAN, 2015)*

Figura Livro - FELDMAN, Robert S. **Introdução à Psicologia**. 10.ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2015

3.3.1 Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

- Na pesquisa de arquivo, dados existentes são usados para testar uma hipótese, tais como:
 - Documentos censitários;
 - Registros universitários;
 - Recortes de jornal; etc.
- **Vantagens:**
 - É um meio econômico de testar hipóteses que alguém já coletou os dados básicos.
- **Desvantagens** do uso de dados já existentes:
 - Os dados podem não estar dispostos em uma forma que permita o pesquisador testar uma hipótese plenamente.
 - As informações podem estar incompletas;
 - As informações podem ter sido coletadas arbitrariamente;
 - O que é mais comum: Os registros com as informações necessárias muitas vezes não existem;
 - * Nesse caso, pode-se recorrer a outro método de pesquisa: **Observação naturalista.**

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

- O observador examina **um comportamento que ocorre naturalmente** e que **ele não interfere na situação**;

- O pesquisados simplesmente registra o que acontece
- O pesquisador não faz modificações na situação que está sendo observada;
 - * Exemplo:
 - O pesquisador observa e registra o **tipo de ajuda prestada** em uma área urbana com alto índice de criminalidade.
- Vantagem: Obtemos uma amostra do que as pessoas fazem em seu *habitat*;
- ****INCONVENIENTES****:
 - * A **impossibilidade de controlar** qualquer um dos **fatores de interesse**;
 - * Poucos casos cuja previsibilidade permita observar dificultando a formulação de conclusões;
 - * É preciso esperar que as condições apropriadas (**fatores de interesse**) ocorram;
 - * Caso os participantes saibam ou percebam que estão sendo vigiados eles podem:
 - Alterar as suas reações;
 - Produzir um comportamento que não é verdadeiramente representativo

ACRESCENTAR LINK PARA
SECAO DO RESUMO DOS
LIVROS

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

- É um método simples e direto de conhecer, através de uma pergunta direta, o que as pessoas:
 - Pensam
 - Sentem
 - Fazem
- Através desse método, uma **amostra** de pessoas é escolhida para representar um **grupo de interesse** mais amplo. (**Uma população**), buscando-se conhecer:
 - Sobre seu **comportamento**;
 - Sobre seus **pensamentos**;
 - Sobre suas **Atitudes**;
- Os pesquisadores conseguem ****deduzir**** com notável precisão como um grande grupo responderia;
 - Exemplos:
 - * Pesquisadores que realizam **investigação sobre comportamento de ajuda**
 - Podem realizar uma pesquisa pedindo às pessoas que completem um **questionário** no qual elas indicam **sua relutância em prestar auxílio a alguém**;
 - * Pesquisadores interessados em **aprender sobre práticas**

sexuais

- * Podem realizar **levantamento** para **verificar** quais **práticas sexuais comuns** e quais **não são comuns**.
- * Finalidade: Mapear as mudanças de noções de moralidade sexual durante as últimas décadas.
- Desvantagens e armadilhas
 - É trabalhosa a **constituição de uma amostra estatisticamente representativa (amostra aleatória)** em que cada participante tenha a mesma chance (probabilidade) de ser incluído na amostra;
 - Se a amostra não for **estatisticamente representativa** da população de interesse, os resultados da pesquisa terão pouco significado;
 - Entrevistados podem não querer admitir:
 - * Que tem comportamentos e/ou atitudes **socialmente indesejáveis**;
 - * Que tem comportamento e/ou atitudes considerados por outras pessoas como **anormais**;
 - * O que fazem em sua **intimidade**;
 - Entrevistados podem **nem ter a consciência de quais são suas verdadeiras atitudes** ou porque elas as mantêm.

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

- É uma investigação intensiva e em profundidade de **um único indivíduo** ou de **um pequeno grupo**.
- Muitas vezes incluem **testagem psicológica**
 - É um procedimento em que um conjunto cuidadosamente elaborado de **instrumentos** é usado para **compreender algum** aspecto da personalidade** daquele indivíduo ou grupo**.
- Objetivos da realização de estudos de caso:
 - Aprender sobre os poucos indivíduos que estão sendo examinados;
 - Usar conhecimentos adquiridos (a partir do estudo) para aperfeiçoar nossa compreensão das pessoas em geral.
- Comentários e curiosidades:
 - Sigmund Freud desenvolveu suas teorias por meio de **estudos de caso** de alguns de seus pacientes;
 - Estudos de casos de terroristas podem **ajudar a identificar indivíduos que são propensos à violência**;
- Desvantagens e inconvenientes:
 - Se os indivíduos examinados são excepcionais em algum aspecto, não é apropriado fazer generalizações para uma população mais ampla.
> Observação: Mesmo em sua excepcionalidade, indivíduos ou pequenos grupos de indivíduos podem abrir caminho para **teorias e tratamentos** novos para **transtornos psicológicos**.

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

De acordo com Feldman(2015, p. 31), os pesquisadores muitas vezes desejam

determinar a relação entre duas variáveis.

- ****Variáveis**** são **comportamentos, eventos ou outras características** que podem mudar ou variar de alguma maneira.
 - Exemplo: Uma pesquisa para verificar se a quantidade de estudo faz diferença nas notas em provas, as variáveis seriam **tempo de estudo** e **escores** em provas.

Na pesquisa correlacional, dois conjuntos de variáveis são examinados para determinar se eles estão associados ou “correlacionados”.

- A **força** e a **direção** da relação entre as duas variáveis são representadas por uma estatística matemática conhecida como ****correlação**** (ou, mais formalmente, como ****coeficiente de correlação****), que pode variar de +1,0 a -1,0.
- Uma **correlação positiva** indica que, à medida que uma variável aumenta, podemos prever que o valor da outra variável também aumentará.
 - Por exemplo, se previrmos que, quanto mais tempo os alunos passam estudando para uma prova, maiores serão suas notas e que, quanto menos eles estudam, menor serão suas pontuações nas provas, estamos esperando encontrar uma correlação positiva. (Valores mais altos da variável “quantidade de tempo de estudo” estariam associados a valores mais altos da variável “pontuação na prova”, enquanto menores valores da “quantidade de tempo de estudo” estariam associados a valores mais baixos da variável “pontuação na prova”).
 - A correlação, então, seria indicada por um número positivo e, quanto mais forte for a associação entre estudar e pontuação nas provas, mais próximo de 1,0 será o número.
- Em contraste, uma **correlação negativa** demonstra que, à medida que o valor de uma variável aumenta, o valor de outra diminui. Por exemplo, podemos prever que, à medida que o número de horas passadas estudando aumenta, o número de horas passadas participando de festas diminui. Nesse caso, estamos esperando uma correlação negativa, que varia entre 0 e -1,0.
 - Mais estudo está associado a menor participação em festas, enquanto menos estudo está associado a maior participação em festas. Quanto mais forte for a associação entre estudar e participar de festas, mais próxima será a correlação de -1,0. Por exemplo, uma correlação de -0,85 indicaria uma associação negativa forte entre participar de festas e estudar.
- Evidentemente, é bem possível que exista **pouca ou nenhuma relação** entre duas variáveis.
 - Por exemplo, provavelmente **não esperaríamos encontrar uma relação** entre o **número de horas de estudo e altura**. A ausência de uma relação seria indicada por uma correlação próxima de 0. Por

exemplo, se encontrássemos uma correlação de -0,02 ou 0,03, isso indicaria que existe praticamente nenhuma associação entre duas variáveis: saber o quanto alguém estuda nos diz nada sobre sua altura.

- Quando duas variáveis estão fortemente correlacionadas, somos tentados a presumir que uma variável causa a outra. Por exemplo, se descobrirmos que mais estudo está associado a notas mais altas, podemos supor que estudar mais causa notas mais altas. Embora esta não seja uma má suposição, ela continua sendo apenas uma suposição – porque descobrir que suas variáveis estão correlacionadas não significa que exista uma relação causal entre elas.

- A **correlação forte** sugere que saber o quanto uma pessoa estuda pode ajudar-nos a prever como aquela pessoa vai se sair em uma prova, mas isso não significa que estudar causa o desempenho na prova.

* Em vez disso, por exemplo, as **pessoas que estão mais interessadas no assunto** poderiam estudar mais do que aquelas que estão menos interessadas; assim, a **quantidade de interesse**, e não o número de horas passadas estudando, preveria o desempenho em provas.

- O simples fato de que **duas variáveis ocorrem juntas não significa que uma cause a outra**. Simplesmente fornecem uma medida da força da relação entre duas variáveis

* Exemplos:

- Suponha que você descobriu que o **número de lugares de prática religiosa** em uma grande amostra de cidades estava positivamente relacionado ao **número de pessoas detidas**, significando que, quanto mais lugares de prática religiosa, mais detenções havia em uma cidade. Isso significa que a presença de mais espaços de prática religiosa causou o maior número de detenções? Quase certamente não, é claro. **Nesse caso, a causa subjacente é o tamanho da cidade**: em cidades maiores, existem mais espaços de prática religiosa tanto como de mais detenções.
- Crianças que assistem a muitos programas de televisão com alto nível de agressão são propensas a demonstrar um grau relativamente alto de comportamento agressivo e que aquelas que assistem menos a programas de televisão que retratam agressão são inclinadas a exibir um grau relativamente baixo desse comportamento (ver Fig. 2). Contudo, **não podemos dizer que a agressão é causada por ver televisão**, pois **muitas outras explicações são possíveis**. Pessoas que já são altamente agressivas poderiam escolher ver programas com um alto conteúdo agressivo porque elas são agressivas

- Desvantagem da pesquisa correlacional:

- A **impossibilidade** de a pesquisa correlacional **demonstrar**

relações de causa e efeito é uma desvantagem crucial para seu uso. Contudo, ********existe uma técnica alternativa que estabelece causalidade: o experimento.

- ******EXPERIMENTO******: Investigação da relação entre duas (ou mais) variáveis alterando-se deliberadamente uma situação e observando-se os efeitos dessa alteração em outros aspectos da situação.

3.3.1.1 Método Científico: Método Experimental

3.3.1.1.1 Pesquisa Experimental Slides

- Os estudo experimental é o método para estabelecer explicações, de demonstrar a relação de causa e efeito.
- **HIPÓTESE**: É uma afirmação. Os experimentos iniciam se com uma hipótese , acerca dos eventos, conhecidos como variáveis.
- A essência de um Experimento:
 - Os pesquisadores deliberadamente manipulam a variável independente o evento cuja influência está sendo investigada
 - Eles pedem que variáveis estranhas ou irrelevantes afetem os resultados do estudo
 - Eles medem os efeitos da manipulação sobre a variável dependente
- Exemplo:
 - **Objetivo**: Será que o perfume desencadeia vivências nostálgicas e aumenta afetos positivos, autoestima e conexão social?
 - **Hipótese**: Os participantes na condição experimental apresentará níveis mais elevados de afetos positivos, autoestima e apoio social
 - **Método**: Participaram 160 pessoas. Metade para a condição experimental (12 perfumes) e outra metade condição controle (sem exposição do perfume)
 - **Resultados**: Os participantes na condição experimental, apresentou mais afetos positivos, autoestima e apoio social, comparado ao grupo controle

Capítulo 1 - Módulo 3 - Livro Introdução à Psicologia1

- Em um experimento formal, o pesquisador investiga a relação entre duas (ou mais) variáveis **alterando deliberadamente uma variável** em uma **situação controlada** e **observando os efeitos daquela mudança em outros aspectos da situação**.
- Em um experimento, portanto, as ******condições****** são **criadas** e **controladas** pelo pesquisador, que deliberadamente faz uma alteração nessas condições a fim de observar os efeitos daquela mudança.
- A alteração que o pesquisador deliberadamente faz em um experimento é denominada ******manipulação experimental******. Manipulações experimentais são ******usadas** para detectar relações entre diferentes variáveis******** (Staub, 2011 apud Feldman, 2015).
- A ******realização** de um experimento******** envolve **várias etapas**, mas o

processo geralmente se **inicia** com o **desenvolvimento de uma ou mais hipóteses** a serem testadas pelo experimento.

- Por exemplo, **Latané e Darley**, ao testar sua **teoria** acerca da **difusão da responsabilidade no comportamento de espectadores**, elaboraram a seguinte hipótese: quanto maior for o número de pessoas que testemunham uma situação de emergência, menor será a probabilidade de que alguma delas ajude a vítima.
- Eles então **criaram um experimento** para testar essa hipótese.
 - * O **primeiro passo** foi formular uma **definição operacional** da hipótese, conceitualizando-a de um modo que ela pudesse ser testada.
 - * Latané e Darley tiveram de levar em conta o **princípio fundamental** da pesquisa experimental mencionado anteriormente: os experimentadores **devem manipular ao menos uma variável a fim de observar os efeitos da manipulação em outra variável**, enquanto outros fatores na situação são mantidos constantes.
 - * Entretanto, **a manipulação não pode ser vista isoladamente**; para que uma relação de causa e efeito seja estabelecida, os efeitos da manipulação devem ser comparados com os efeitos de nenhuma manipulação ou de outro tipo de manipulação.

3.3.1.1.1 Grupos experimentais e grupos-controle

- A pesquisa experimental exige, portanto, que as respostas de ao menos dois grupos sejam comparadas.
- **Um grupo** receberá um tratamento especial – a manipulação implementada pelo experimentador – e **outro grupo** receberá um tratamento diferente ou nenhum tratamento.
- Qualquer grupo que recebe um tratamento é denominado **grupo experimental**.
- Um grupo que não recebe tratamento é denominado **grupo-controle**.
- Em alguns experimentos, existem vários grupos experimentais e de controle, cada um dos quais comparado com outro grupo.
- **Empregando grupos experimentais e de controle** em um experimento, os pesquisadores **são capazes de descartar a possibilidade de que alguma outra variável que não a manipulação experimental tenha produzido os resultados observados no experimento**.
- Sem um grupo-controle, **não poderíamos ter certeza** de que alguma outra variável, como, por exemplo, a temperatura no momento da execução do experimento, a cor de cabelo do experimentador ou mesmo a mera passagem do tempo, não estava causando as mudanças observadas.
 - Por exemplo:

- * Considere um pesquisador de medicina que acredita que inventou um medicamento que cura o resfriado.
- * Para testar sua alegação, ele administra o remédio um dia a um grupo de 20 pessoas que estão resfriadas e descobre que 10 dias depois todas elas estão curadas.
- * Eureka? Mais devagar. Um observador que considere esse estudo falho poderia argumentar sensatamente que as pessoas teriam melhorado mesmo sem o medicamento.
- * O que o pesquisador evidentemente precisava era de um grupo-controle formado por pessoas resfriadas que não recebem o remédio e cuja saúde também é verificada 10 dias depois.
- Somente quando existe uma diferença significativa entre grupos experimental e de controle é que a eficácia do remédio pode ser avaliada. ****Ao usar grupos-controle****, então, os pesquisadores podem isolar causas específicas para seus achados – e extrair inferências de causa e efeito.
- Voltando ao experimento de Latané e Darley:
 - Vemos que os pesquisadores recisavam traduzir sua hipótese para algo que pudesse ser testado.
 - Para fazer isso, decidiram criar uma falsa situação de emergência que pareceria requerer a ajuda de um espectador.
 - Como manipulação experimental, optaram por **variar o número de espectadores presentes**.
 - Eles poderiam ter usado apenas **um grupo experimental**, por exemplo, de duas pessoas presentes, e **um grupo-controle** com apenas uma pessoa presente para fins de comparação.
 - Em vez disso, optaram por um procedimento mais complexo envolvendo a **criação de grupos de três tamanhos** – compostos por **duas, três e seis** pessoas – ****que poderiam ser comparados um com o outro****.

3.3.1.1.1.2 Variáveis Independentes e Dependentes

- O projeto experimental de Latané e Darley agora incluía uma definição experimental do que é chamado de variável independente.
- ****A variável independente**** é a condição que é manipulada por um experimentador.
 - Você pode pensar a variável independente como sendo independente das ações daqueles que participam de um experimento; ela é controlada pelo experimentador.
 - No caso do experimento de Latané e Darley, a variável independente era o número de pessoas presentes, que foi manipulado pelos experimentadores.
- O próximo passo era decidir como eles determinariam o efeito que o número variável de espectadores tinha no comportamento das pessoas no experimento.

- ****Fundamental em todo experimento é a **VARIÁVEL DEPENDENTE******, aquela que é medida e que se espera que mude em função das alterações provocadas pelo experimentador manipulando a **variável independente**.
- ****A variável dependente**** é dependente das ações dos participantes ou sujeitos – as pessoas que participam de um experimento.
 - Latané e Darley tinham várias escolhas possíveis para sua medida dependente.
 - Uma poderia ter sido uma simples verificação (sim/não) do comportamento de ajuda dos participantes.
 - Contudo, os investigadores também queriam uma análise mais precisa do comportamento de ajuda.
 - Consequentemente, também mediram a quantidade de tempo que levava para um participante prestar ajuda. Latané e Darley agora tinham todos os componentes necessários de um experimento.
- ****A variável independente****, manipulada por eles, era o **número de espectadores presentes** em uma situação de emergência.
- ****A variável dependente**** era verificar se **os espectadores em cada um dos grupos prestavam ajuda** e a **quantidade de tempo** que eles levavam para isso.
- Consequentemente, como todos os experimentos, esse teve tanto uma variável independente como uma variável dependente.
- **Todos os verdadeiros experimentos em psicologia encaixam-se nesse modelo simples.**

TERMOS IMPORTANTES: > **Variável Independente:** Variável que é **manipulada** por um experimentador. > **Variável Dependente:** Variável que é **mensurada** e que **se espera que se modifique** como resultado de mudanças causadas pela manipulação da variável independente realizada pelo experimentador.

3.3.1.1.1.3 Distribuição aleatória dos participantes

- Para tornar o experimento um teste válido da hipótese, Latané e Darley precisavam adicionar um passo final ao projeto experimental: designar corretamente os participantes a determinado grupo experimental.
- O significado desse passo torna-se claro quando examinamos vários procedimentos alternativos. Por exemplo, os experimentadores poderiam ter designado somente homens para o grupo com dois espectadores, apenas mulheres para o grupo com três espectadores e ambos (homens e mulheres) para o grupo com seis espectadores. Contudo, caso tivessem feito isso, as eventuais diferenças que encontraram no comportamento de ajuda não poderiam ser atribuídas com certeza unicamente ao tamanho do grupo, pois elas poderiam igualmente ter resultado da composição do grupo. Um procedimento mais sensato seria assegurar que cada grupo tivesse a mesma composição em termos de gênero; assim, os pesquisadores teriam podido fazer comparações entre os grupos com mais precisão.

- Os participantes em cada um dos grupos experimentais devem ser comparáveis, e é muito fácil criar grupos que sejam semelhantes em termos de gênero. No entanto, o problema torna-se um pouco mais traiçoeiro quando consideramos outras características dos participantes. Como podemos garantir que os participantes em cada grupo experimental serão igualmente inteligentes, extrovertidos, cooperativos, e assim por diante, quando a lista de características – qualquer uma poderia ser importante – é potencialmente infinita?
- A solução é um procedimento simples, mas elegante, chamado de designação aleatória à condição.
- Os participantes são designados para diferentes grupos experimentais, ou “condições”, com base no acaso e somente no acaso. O experimentador poderia, por exemplo, fazer um sorteio com moeda para cada participante e designar um participante para um grupo quando desse “cara” e para outro grupo quando desse “coroa”. A vantagem dessa técnica é que existe uma chance idêntica de que as características dos participantes se distribuirão entre os diversos grupos. Quando um pesquisador emprega distribuição aleatória – o que na prática geralmente é realizado usando números aleatórios gerados por computador –, é provável que cada um dos grupos terá aproximadamente a mesma proporção de pessoas inteligentes, cooperativas, extrovertidas, do sexo masculino e feminino, e assim por diante.

Figura - Efeitos da substância **propanolol** (figura 3)

- A **Figura 3** do livro de FELDMAN apresenta outro exemplo de um experimento. Como todos os experimentos, esse inclui um conjunto de elementos-chave, que você deve lembrar ao considerar se um estudo científico é realmente um experimento.
 - Uma variável independente, a variável que é manipulada pelo experimentador.
 - Uma variável dependente, a variável que é medida pelo experimentador e que se espera que mude como resultado da manipulação da variável independente.
 - Um procedimento que distribui aleatoriamente os participantes em diferentes grupos experimentais, ou “condições”, da variável dependente.
 - Uma hipótese que prevê o efeito que a variável independente terá na variável dependente. Somente se todos esses elementos estiverem presentes é que um estudo científico pode ser considerado um experimento verdadeiro em que relações de causa e efeito podem ser determinadas. (Para um resumo dos diferentes tipos de pesquisa que discutimos, ver **Fig. 4** do livro de FELDMAN .)

Figura - Estratégias de pesquisa (figura 4)

3.3.1.1.4 Outros tópicos não abordados No capítulo 3 do livro de FELDMAN, ainda constam dois tópicos que não abordei aqui por terem baixa chance de serem explorados na prova o que não prejudica a compreensão da **Pesquisa Experimental**

- Latané e Darley estavam certos?
- Indo além do estudo

3.4 Livro: Introdução à Psicologia (DAVIDOFF, 2001)

Figura - Livro Introdução à Psicologia (DAVIDOFF, 2001)

3.4.1 Capítulo XX

- A definir.

3.5 Referências Bibliográficas

BOCH, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia*. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à Psicologia*. 3.ed. São Paulo: Pearson, 2001

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J.; ROBERTS, Tomi-Ann. **Teorias da Personalidade**. 8.ed. Porto Alegre: AMGH, 2014

FELDMAN, Robert S. *Introdução à Psicologia*. 10.ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2015

KURT LEWIN. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2022. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Kurt_Lewin>. Acesso em: 30 set. 2022.

Capítulo 4

P1 - História da Psicologia

Neste capítulo estarão contidos os resumos relacionados com a disciplina
Em breve...

Capítulo 5

P1 - Introdução à Filosofia

Neste capítulo estarão contidos os resumos dos slides da disciplina Introdução à Filosofia.

5.1 Livro: Introdução à Filosofia - CHAUI - 2.ed. - 2013



Figura 5.1: Livro Introdução à filosofia - CHAUI - 2.ed. - 2013

- Resumo elaborado para o trabalho de História da Psicologia: “Mude minha Opinião”.
- Tema do debate: “O comportamento humano pode ser controlado”;

5.1.1 Capítulo 28 - A Liberdade

5.1.1.1 Introdução

- Como é possível SER LIVRE ?
 - Se nossa vida transcorre em meio à de outrops indivíduos;
 - Se nossa vida transcorre em meio a instituições sociais;
 - Se nossa vida transcorre em meio a normas culturais;
 - Se nossa vida transcorre em meio às forças da natureza.
- A LIBERDADE é OBJETO CENTRAL dos estudos da ÉTICA como disciplina filosófica;
- A ética dedica-se:
 - A DEFINIR e ANALISAR os **elementos** que (1) **possibilitam** ou (2) **impedem** a LIBERDADE;
 - A tratar de duas grandes questões:
 - * Há limites para a LIBERDADE ?
 - * Como e em que termos ela pode ser INTEGRALMENTE CONQUISTADA por todos ?

5.1.1.2 A Liberdade como PROBLEMA

- Chaiu (2013, p. 278) apresenta duas questões:
 - Qual o núcleo da LIBERDADE ?
 - Como podemos sentir a AUSÊNCIA DE LIBERDADE ?
- Ela inicia o diálogo para abordar esses dois problemas apresentando:
 - Um POEMA de José Paulo Paes (“O melhor poeta da minha rua”)
 - Um POEMA de Carlos Drummond de Andrade (“Sete faces”)
- Os dois poemas apontam para o grande tema da ética:
 - O que está ?
 - O que não está em nosso poder ?
 - Até onde se estende o PODER:
 - * Da nossa VONTADE ?
 - * Do nosso DESEJO ?
 - * Da nossa CONSCIÊNCIA ?
- Por fim, até onde se estende o PODER DA NOSSA LIBERDADE ?
 - O que ESTÁ EM NOSSO PODER ?
 - O que DEPENDE INTEIRAMENTE DE **CAUSAS** e **FORÇAS EXTERIORES** ?
- Mais um poema é apresentado pela autora para consolidar seu raciocínio: Vicente de Carvalho (“Velho tema”)
- Os três poetas nos colocam diante da LIBERDADE como PROBLEMA, seja:

- De modo pessimista (como em José Paulo Paes e Vicente de Carvalho)
- De modo otimista (como em Carlos Drummond)

5.1.1.3 A Liberdade como QUESTÃO FILOSÓFICA

- A questão da liberdade se apresenta na forma de DOIS PARES OPOSTOS:
 - O par necessidade-liberdade
 - * NECESSIDADE é o termo empregado para se referir ao todo da realidade, existente em si e por si, que age sem nós e nos insere em sua rede de causas e efeitos, condições e consequências.
 - O par contingência-liberdade
 - * CONTINGÊNCIA ou ACASO significam que a realidade é imprevisível e mutável, impossibilitando deliberação e decisão racionais, definidoras da liberdade.
 - * Num mundo onde tudo acontece por acidente, somos como um frágil barquinho perdido num mar tempestuoso, levado em todas as direções, ao sabor das vagas e dos ventos.
- FATALIDADE é o termo usado quando pensamos em forças transcendentais superiores às nossas e que nos governam, quer o queiramos, quer não.
- DETERMINISMO é o termo empregado, a partir do século XIX, para se referir às relações causais necessárias que regem a realidade conhecida e controlada pela ciência;
 - No caso da ética, refere-se ao ser humano como objeto das ciências naturais (química e biologia) e das ciências humanas (sociologia e psicologia).
 - Portanto, subordina-o completamente a leis e causas que condicionam seus pensamentos, sentimentos e ações, tornando a liberdade ilusória.
- O que poderia estar em nosso poder?
- Necessidade, fatalidade, determinismo
 - Significam que não há lugar para a liberdade, porque o curso das coisas e de nossa vida já está fixado, sem que nele possamos intervir;
- Contingência e acaso
 - Significam que não há lugar para a liberdade, porque não há curso algum das coisas e de nossa vida sobre o qual pudéssemos intervir.

5.1.1.4 Três grandes CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS DA LIBERDADE

- Na mitologia grega NECESSIDADE e CONTINGÊNCIA
 - Necessidade: As Moiras (conhecidas também como Parcas) eram as três irmãs que determinavam o destino (FATALIDADE), tanto dos deuses, quanto dos seres humanos.
 - A contingência (ou o acaso): Era representada pela Fortuna, mulher volúvel e caprichosa, que trazia nas mãos uma roda, fazendo-a girar de tal modo que quem estivesse no alto (a boa fortuna ou boa

sorte) caísse (infortúnio ou má sorte) e quem estivesse embaixo fosse elevado.

- * INCONSTANTE, INCERTA e CEGA: a RODA DA FORTUNA era a pura sorte, boa ou má, contra a qual nada se poderia fazer;
- As **TEORIAS ÉTICAS** procuraram sempre enfrentar o duplo problema da necessidade e da contingência, definindo o campo da liberdade possível

5.1.1.4.1 PRIMEIRA: As concepções de Aristóteles e de Satre

- ARISTÓTELES
 - Postulou a **PRIMEIRA** grande **TEORIA FILOSÓFICA DA LIBERDADE** (Livro Ética a Nicômaco)
 - Nesse sentido, a LIBERDADE se opõe (Necessidade x Contingência)
 - * Ao que é **CONDICIONADO EXTERNAMENTE** (Necessidade)
 - * Ao que **ACONTECE SEM ESCOLHA DELIBERADA** (Contingência)
 - Afirma que “É livre aquele que tem em si mesmo o **PRINCÍPIO** para **AGIR** ou **NÃO AGIR**”;
 - LIBERDADE:
 - * É o poder **PLENO** e **INCONDICIONAL** da **VONTADE** para determinar a si mesmo (**AUTODETERMINAÇÃO**);
 - * É uma **CAPACIDADE** que
 - a. Não encontra **obstáculos** para se realizar;
 - b. Nem é **forçada** por **coisa alguma** para agir;
 - Contingência (Puro acaso) x Possível (Pode acontecer desde que o ser humano **DELIBERE** e **DECIDA** realizar uma ação)
 - LIBERDADE:
 - * É o princípio para escolher entre **ALTERNATIVAS POSSÍVEIS**
 - * Realiza-se:
 - a. Decisão
 - b. Ato Voluntário
- Contrariamente à necessidade e à contingência, sob as quais o agente sofre a ação de uma **CAUSA EXTERNA** que o **OBRIGA A AGIR** de determinada maneira no **ATO VOLUNTÁRIO LIVRE** o agente é causa de si, isto é, **CAUSA INTEGRAL DE SUA AÇÃO**.
- Sem dúvida, seria possível dizer que a **VONTADE LIVRE** é determinada:
 - Pela **RAZÃO**;
 - Pela **INTELIGÊNCIA**;
 - a. Nesse caso, seria preciso admitir que não é causa de si ou incondicionada
 - b. Nesse caso é **CAUSADA**
 - c. Pelo **RACIOCÍNIO**;
 - d. Pelo **PENSAMENTO**
- **FILÓSOFOS POSTERIORES A ARISTÓTELES**

- A INTELIGÊNCIA
 - * Inclina a VONTADE para certa direção;
 - * Não obriga nem constrange a VONTADE
 - * Podemos agir na direção contrária à indicada pela inteligência ou razão;
- JEAN-PAUL SATRE
 - LIBERDADE
 - * É a ESCOLHA INCONDICIONAL que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo.
 - * Estamos condenados à LIBERDADE;
 - a. É ela que define a humanidade dos humanos, sem escapatória.
 - Quando julgamos estar sob o PODER DE FORÇAS EXTERNAS mais poderosas do que nossa VONTADE, esse julgamento é uma decisão livre;
 - * OUTROS outros homens, nas mesmas circunstâncias, não se curvaram nem se resignaram;
 - QUANDO OUTROS poderiam, nas mesmas circunstâncias, AGIR DE FORMA DIFERENTE a DECISÃO É LIVRE:
 - * Conformar-se ou resignar-se é uma DECISÃO LIVRE;
 - * Afirmar-se ENFRAQUECIDO ou Afirmar-se SEM FORÇAS para fazer alguma coisa é uma DECISÃO LIVRE;
- Essa PRIMEIRA concepção **MANTÉM** a OPOSIÇÃO entre LIBERDADE e NECESSIDADE;

5.1.1.4.2 SEGUNDA: A concepção que une NECESSIDADE e LIBERDADE

- Apresentada:
 - Pelo ESTOICISMO no período Helenístico
 - No século XVII com ESPINOSA;
 - No século XIX com HEGEL;
- PRESERVA a ideia ARISTOTÉLICA que:
 - A liberdade é AUTODETERMINAÇÃO;
 - É livre quem age sem ser forçado nem constrangido por nada nem por ninguém (AGIR EXPONTÂNEO)
- DISTANCIA-SE da ideia ARISTOTÉLICA e de SATRE:
 - Ao NÃO SITUAR a LIBERDADE no ATO DE ESCOLHA realizado pela VONTADE INDIVIDUAL, **separada** da NECESSIDADE e OPOSTA A ELA;
- A LIBERDADE é colocada como parte de UM TODO NECESSÁRIO (AGE LIVREMENTE quem AGE NECESSÁRIAMENTE)
- Para essa perspectiva filosófica, NECESSÁRIO significa aquilo que AGE apenas pela FORÇA INTERNA de sua PRÓPRIA NATUREZA (Estóicos) / SUBSTÂNCIA (Espinosa) / ESPÍRITO (Hegel);
- NATUREZA (Estóicos) / SUBSTÂNCIA (Espinosa) / ESPÍRITO (Hegel)

são a TOTALIDADE como PODER ABSOLUTO DE AÇÃO;

- Como **NADA EXTERIOR** obriga a **NATUREZA**, a **SUBSTÂNCIA** ou o **ESPÍRITO** a AGIR, eles são LIVRES, pois agem apenas por seu PODER INTERNO;
- Seu agir é uma NECESSIDADE LIVRE ou uma LIBERDADE NECESSÁRIA porque:
 - A NECESSIDADE não é um PODER EXTERNO que obriga a LIBERDADE a AGIR;
 - A NECESSIDADE é apenas a **LEI INTERNA** que a própria LIBERDADE criou para sua própria ação
- A LIBERDADE não é um PODER INCONDICIONADO PARA ESCOLHER — a natureza não escolhe, a substância não escolhe, o espírito não escolhe.
- A LIBERDADE é o PODER DO TODO para **AGIR EM CONFORMIDADE CONSIGO MESMO**:
 - Sendo necessariamente O QUE É;
 - Fazendo necessariamente O QUE FAZ;
 - Sendo necessariamente O QUE É;
 - Fazendo necessariamente O QUE FAZ.
- Essa SEGUNDA concepção **NÃO MANTÉM** a OPOSIÇÃO entre LIBERDADE e NECESSIDADE;
 - Ela afirma que a NECESSIDADE é a maneira pela qual a LIBERDADE do TODO se manifesta;
 - A TOTALIDADE
 - * É LIVRE porque:
 - a. Se põe a si mesma na existência;
 - b. Define por si mesma as leis e as regras de sua atividade;
 - * É NECESSÁRIA porque:
 - a. Tais LEIS e REGRAS exprimem necessariamente **O QUE ELA É** e **O QUE ELA FAZ**;
- **LIBERDADE não é ESCOLHER e DELIBERAR, mas AGIR ou FAZER alguma coisa EM CONFORMIDADE com a NATUREZA DO AGENTE que, no caso, é o TODO.**
- O que é a LIBERDADE HUMANA enquanto o homem é uma parte constituída pelo todo e que age no interior do todo?
 - São duas as respostas a essa questão:
 - * A PRIMEIRA (dada pelos estoicos e por Hegel) afirma que o todo é racional e que suas partes também o são, sendo livres quando agirem em conformidade com as leis racionais do todo, para o bem da totalidade;
 - * A SEGUNDA (dada por Espinosa) afirma que as partes são de mesma essência que o todo e, portanto, são RACIONAIS e LIVRES como ele, dotadas de FORÇA INTERIOR para agir por si mesmas, de sorte que a LIBERDADE é TOMAR PARTE ATIVA na atividade do todo.
 - a. **TOMAR PARTE ATIVA** significa:

- b. Por UM LADO: a. Conhecer as CONDIÇÕES e CAUSAS estabelecidas pelo todo; b. Conhecer o MODO como elas determinam nossas ações;
 - Por OUTRO LADO (em virtude de tal conhecimento):
 - a. Não ser um brinquedo das CONDIÇÕES e CAUSAS que atuam sobre nós
 - b. AGIR sobre elas também
- NÃO SOMOS LIVRES para escolher tudo;
- SOMOS LIVRES para fazer tudo quanto esteja de acordo [Graças ao conhecimento que temos: (1) de nós mesmos e (2) das circunstâncias]:
 - Com nosso ser;
 - Com nossa capacidade de agir;
- Para os ESTÓICOS, o homem livre é aquele
 - Cuja RAZÃO conhece:
 - * A necessidade natural;
 - * A necessidade de sua própria natureza;
 - Tem força para guiar e dirigir a vontade para que esta exerça um poder absoluto sobre a irracionalidade dos instintos e impulsos, isto é, sobre as paixões.
- Para ESPINOSA, o homem livre é aquele que
 - AGE como CAUSA interna, completa e total de sua ação
 - AGE decorrente do **desenvolvimento espontâneo da essência racional** do agente.
 - Em outras palavras, assim como:
 - * O todo age livremente pela necessidade de sua essência;
 - * O indivíduo livre age por necessidade de sua própria essência.
 - Somos livres quando realizamos nosso ser como uma potência interna capaz de uma pluralidade simultânea de ideias, afetos e ações que decorrem apenas de nosso próprio ser.
 - Somos livres quando:
 - * O que somos exprimem nossa FORÇA INTERNA para existir e agir
 - * O que sentimos exprimem nossa FORÇA INTERNA para existir e agir
 - * O que fazemos exprimem nossa FORÇA INTERNA para existir e agir
 - * O que pensamos exprimem nossa FORÇA INTERNA para existir e agir.
- Para HEGEL, o homem livre é uma figura que aparece na história e na cultura sob duas formas principais:
 - Na primeira, a liberdade humana coincide com o surgimento da cultura
 - * É livre o homem que não se deixa dominar pela força da natureza e que a vence, dobrando-a à sua vontade
 - a. Por meio do TRABALHO, da LINGUAGEM e DAS ARTES.
 - b. Podemos notar que a LIBERDADE refere-se muito mais a

- uma ATITUDE DA HUMANIDADE, e não do INDIVÍDUO
 - a uma vitória da cultura sobre a natureza.
- Em sua outra forma, o homem livre como indivíduo livre aparece na história em dois momentos sucessivos:
 - * O PRIMEIRO é o do surgimento do homem cristão ou o surgimento da interioridade cristã, que descobre a consciência como consciência de si;
 - * O SEGUNDO momento, decorrente do primeiro, é o do surgimento da individualidade racional moderna ou do indivíduo como consciência de si reflexiva
 - * Nesse momento, o indivíduo vê SUA RAZÃO e SUA VONTADE:
 - a. Independentes da natureza ou da necessidade natural;
 - b. Independentes da coação de autoridades externas **na definição de seu pensamento e de sua vontade.**

5.1.1.4.3 TERCEIRA: A concepção da liberdade como POSSIBILIDADE OBJETIVA

- Essa terceira concepção busca **UNIR ELEMENTOS DAS DUAS OUTRAS**;
- Essa terceira concepção afirma:
 - COMO NA SEGUNDA: Que não somos um poder incondicional de escolha entre quaisquer possíveis, mas que nossas escolhas são condicionadas pelas circunstâncias em que vivemos:
 - * Naturais;
 - * Psíquicas;
 - * Culturais; e
 - * Históricas.
 - COMO NA PRIMEIRA: Que a liberdade é um ato de DECISÃO e ESCOLHA entre vários possíveis.
 - Todavia, não se trata da liberdade de querer alguma coisa, e sim (como já dizia Espinosa) de fazer alguma coisa;
 - Somos livres para fazer alguma coisa quando temos o poder de fazê-la.
- Essa TERCEIRA concepção da liberdade:
 - Encontramos:
 - * Em pensadores marxistas (como Georg Lukács e Lucien Goldmann);
 - * Em pensadores vindos da fenomenologia;
 - * Em pensadores vindos do existencialismo (como Merleau-Ponty)
 - Introduz a NOÇÃO DE POSSIBILIDADE OBJETIVA
 - * O possível não é apenas alguma coisa sentida ou percebida subjetivamente por nós
 - * O possível é também, e sobretudo, alguma coisa inscrita objetivamente no seio da própria necessidade
 - a. Que indica que o curso de uma situação pode ser mudado por nós, em certas direções e sob certas condições.

- A LIBERDADE:
 - * É a capacidade para perceber tais possibilidades
 - * É o poder para realizar aquelas ações que mudam o curso das coisas, dando-lhe outra direção ou outro sentido.
- De fato:
 - EXISTIRAM FILÓSOFOS que afirmaram a LIBERDADE COMO UM PODER ABSOLUTAMENTE INCONDICIONAL DA VONTADE (como o fizeram, por razões diferentes, Kant e Sartre);
 - EXISTIRAM OUTROS FILÓSOFOS que levaram em conta a TENSÃO entre nossa LIBERDADE e as CONDIÇÕES – naturais, culturais, psíquicas – que nos determinam.
- As discussões
 - Sobre
 - * as paixões
 - * os interesses
 - * as circunstâncias histórico-sociais;
 - * as condições naturais;
 - Sempre estiveram presentes na ética
 - Por isso, uma ideia como a de possibilidade objetiva sempre esteve pressuposta ou implícita nas TEORIAS SOBRE LIBERDADE.

5.1.1.4.4 A morte e a Vida

- Viver e morrer são a descoberta da finitude humana, de nossa temporalidade e de nossa identidade;
- A MORTE, e somente ela, completa o que somos, dizendo o que fomos;
- Por isso, os filósofos estoicos propunham que
 - Somente após a morte, quando terminam as vicissitudes da vida, podemos afirmar que alguém foi feliz ou infeliz.
 - “Quem não souber morrer bem terá vivido mal”, afirmou o estoico Sêneca
- Enquanto vivos, somos tempo e mudança, estamos sendo;
- Os filósofos existencialistas disseram:
 - A existência precede a essência
 - Nossa essência é a síntese do todo de nossa existência.
- Morrer é um ato solitário. Morre-se só: a essência da morte é a solidão.
- A ética
 - É o mundo das relações intersubjetivas, isto é, entre o eu e o outro como sujeitos e pessoas
 - É o eu e o outro como seres
 - * Conscientes;
 - * Livres; e
 - * Responsáveis.
- Nenhuma experiência evidencia tanto a dimensão essencialmente intersubjetiva da vida e da vida ética quanto a do DIÁLOGO.

- Porque a vida é intersubjetividade corporal e psíquica e porque a vida ética é reciprocidade entre sujeitos;
- Espinosa afirma que
 - O ser humano é mais livre na companhia dos outros do que na solidão;
 - “somente os seres humanos livres são gratos e reconhecidos uns aos outros”, pois os sujeitos livres são aqueles que “nunca agem com fraude, mas sempre de boa-fé”.

Capítulo 6

P1 - Leitura e Produção Textual

Neste capítulo estarão contidos os resumos dos slides da disciplina Leitura e Produção Textual.

Em breve...

Capítulo 7

P1 - Metodologia Científica

capa-livro-fundamentos-metodologia-cientifica-lakatos.png

7.1 Resumo do Livro “Fundamentos de Metodologia Científica” (MARCONI; LAKATOS; TEIXEIRA, 2017)

Figura - Livro “Fundamentos de Metodologia Científica” (MARCONI; LAKATOS; TEIXEIRA, 2017)

7.1.1 Capítulo 8 - Pesquisa

7.1.1.1 Conceito de Pesquisa

- **Bagno** (2010, p. 17 apud MARCONI; LAKATOS, p. 185) afirma que a palavra PESQUISA chegou até o Português através do Espanhol, que por sua vez assimilou do Latim:
 - Latim *PERQUIRO*:
 - * **Significado:** 1. Procurar por toda parte; buscar com cuidado. 2. Inquirir. 3. Perguntar; indagar bem, aprofundar na busca
 - * O significado dessa palavra em Latim insiste na **ideia de uma busca feita com cuidado e profundidade.**
- **Ander-Egg** (1978, p. 28 apud MARCONI; LAKATOS, p. 185) a PESQUISA é:
 - Um PROCEDIMENTO:
 - * Formal
 - * Reflexivo (Método de Pensamento);
 - * Sistemático;
 - * Controlado;

- * Crítico
- Que PERMITE, em qualquer campo do conhecimento, DESCOBRIR
 - * Novos fatos ou dados;
 - * Relações ou leis
- Que REQUER
 - * Tratamento científico
- Que CONSTITUI
 - * Caminho para CONHECER A REALIDADE
 - * Caminho para CONHECER VERDADES PARCIAIS

7.1.1.2 Passos para DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO DE PESQUISA

1. **Seleção** do tópico (Problema) para investigação;
2. **Definição e diferenciação** do problema;
3. **Levantamento** de hipóteses de trabalho;
4. **Coleta, sistematização e classificação** dos dados;
5. **Análise e interpretação** dos dados;
6. **Elaboração** do relatório do resultado da pesquisa

7.1.1.2.1 Planejamento da Pesquisa

7.1.1.2.2 Preparação da Pesquisa

1. Decisão;
2. Especificação dos objetivos;
3. Elaboração de um plano de trabalho;
4. Constituição da equipe de trabalho;
5. Levantamento de recursos e cronograma

7.1.1.3 Fases da Pesquisa

1. Escolha do tema;
2. Levantamento de dados;
3. Formulação do problema;
4. Definição dos termos;
5. Construção de hipóteses;
6. Indicação de variáveis;
7. Delimitação da pesquisa;
8. Amostragem;
9. Seleção de métodos e técnicas;
10. Organização do instrumental de pesquisa;
11. Teste de instrumentos e procedimentos

7.1.1.4 Execução da Pesquisa

1. Coleta de dados;

7.1. RESUMO DO LIVRO “**FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA**” (MARCONI; LAKATO)

2. Elaboração dos dados;
3. Análise e interpretação dos dados;
4. Representação dos dados;
5. Conclusões

7.1.1.5 Relatório de Pesquisa

7.1.1.6 PLANEJAMENTO DA PESQUISA: Preparação da Pesquisa

7.1.1.6.1 Decisão

- Esse é o momento em que o pesquisador **toma a decisão de realizar ou não realizar** a pesquisa;
- A pesquisa pode ser realizada **no INTERESSE**:
 - Do Próprio Pesquisador;
 - De Alguém
 - De Alguma Entidade;
- Nem sempre é fácil se dereminar **o que se pretende investigar**
- A INVESTIGAÇÃO PRESSUPÕE:
 - Uma série de CONHECIMENTOS ANTERIORES;
 - Metodologia adequada

7.1.1.6.2 Especificação dos objetivos

- O OBJETIVO torna **EXPLÍCITO O PROBLEMA**;
- Os OBJETIVOS orientam a pesquisa para se **SABER**:
 - O QUE se vai PROCURAR;
 - O QUE se pretende ALCANÇAR
- Os objetivos devem **SER**
 - LIMITADOS
 - CLARAMENTE DEFINIDOS
- Os objetivos podem **DEFINIR**
 - A natureza do trabalho;
 - O tipo do problema;
 - O material a coletar

```
flowchart LR
A(0s <b>OBJETIVOS</b>)-->B(Podem SER)
A-->C(Respondem as PERGUNTAS)
C-->R(Por Quê?)
C-->S(Para Quê)
C-->T(Para Quem?)
B-->D((a))
D-->H(Intrínsecos)
D-->M(Extrínsecos)
B-->E((b))
E-->I(Teóricos)
E-->N(Práticos)
```

```

B-->F((c))
F-->J(Gerais)
F-->O(Específicos)
B-->G((d))
G-->K(De CURTO Prazo)
G-->P(De LONGO Prazo)

```

7.1.1.6.3 Elaboração de um plano de trabalho

- É um passo a passo de como o trabalho de pesquisa será realizado que facilita ou aumenta as suas chances de viabilidade;
- Imprime ordem lógica a sua execução;
- Tornam claros os RECURSOS **materiais**, **humanos** e de **tempo** necessários a sua execução;
- **Pode** ou **não** ser alterado durante sua execução;

7.1.1.6.4 Constituição da equipe de trabalho

- Engloba
 - Recrutamento de pessoal;
 - Treinamento de pessoal;
 - Distribuição de tarefas;
 - Indicação dos locais de trabalho;
 - Indicação dos materiais e equipamentos
- **Observação:** A pesquisa também pode ser realizada por **uma pessoa** apenas.

7.1.1.6.5 Levantamento de recursos e cronograma

- O pesquisador deve fazer DE ANTEMÃO a previsão dos gastos necessários para a realização da pesquisa (orçamento o mais aproximado possível do montante de recursos);
- Não pode faltar um cronograma para executar a pesquisa em cada uma de suas etapas

flowchart LR

```

A(0 <b>CRONOGRAMA</b> e <br>0s <b>RECURSOS</b>)-->C(Respondem as PERGUNTAS)
C-->R(Quando ?)
C-->S(Quanto ?)

```

7.1.1.7 PLANEJAMENTO DA PESQUISA: Fases da Pesquisa

7.1.1.7.1 Escolha do tema;

- O **TEMA** é o **ASSUNTO** que se deseja estudar e pesquisar;
- A **DEFINIÇÃO DO TEMA** pode perdurar por toda a pesquisa e deverá ser **FREQUENTEMENTE REVISTO**;

7.1. RESUMO DO LIVRO “**FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA**” (MARCONI; LAKATO)

- ESCOLHA um TEMA/ASSUNTO
 - Que MEREÇA ser investigado cientificamente;
 - Que TENHA CONDIÇÕES de ser, em função da pesquisa:
 - * Formulado;
 - * Delimitado
 - * Exequível (disponibilidade de tempo do pesquisador, background acadêmico, recursos, etc...)
- O TEMA/ASSUNTO deve SER:
 - Preciso
 - Bem determinado
 - Específico

flowchart LR

```
A(A <b>escolha do TEMA</b>)-->B(Responde a PERGUNTA)-->C(<b>O QUE</b> será<br>PESQUISADO/EXPLORADO)
```

7.1.1.7.2 Levantamento de dados;

- São TRÊS as formas de OBTENÇÃO DE DADOS:
 - Pesquisa Bibliográfica
 - Pesquisa Documental
 - Contatos Diretos ##### Pesquisa Bibliográfica
- Apanhado geral sobre os **principais trabalhos realizados**
- Procura-se, relacionados ao TEMA:
 - Dados atuais;
 - Dados relevantes;
 - Indícios importantes
 - Subsídios importantes
- Pode orientar indagações sobre a pesquisa
- ANTES de qualquer PESQUISA DE CAMPO deve-se realizar uma ANÁLISE MINUCIOSA de FONTES DOCUMENTAIS que sirvam de suporte à pesquisa

7.1.1.7.3 Investigação Preliminar

- Também chamada de **ESTUDO EXPLORATÓRIO**.
- Deve ser realizada através de **DOIS ASPECTOS**:
 - **DOCUMENTOS**
 - * **PRINCIPAIS TIPOS DE DOCUMENTOS**
 - a. Fontes **PRIMÁRIAS**:
 - b. Dados Históricos;
 - c. Dados Bibliográficos;
 - d. Dados Estatísticos;
 - e. Documentação **pessoal**; a. Autobiografias b. Certidão de nascimento c. Certidão de óbito d. Diários e. Memórias
 - f. Registros de natureza pública/privada
 - g. Fontes **SECUNDÁRIOS**
 - h. Imprensa em geral

- i. Obras literárias
- **CONTATOS DIRETOS / PESQUISA DE CAMPO / PESQUISA DE LABORATÓRIO**
 - * São realizados com PESSOAS que podem **fornecer os dados diretamente**;
 - * São realizadas com PESSOAS que podem **sugerir fontes de informações úteis**;

7.1.1.7.4 Formulação do problema;

- **PROBLEMA:**
 - É uma **DIFICULDADE**, teórica ou prática, NO CONHECIMENTO de alguma coisa;
 - É uma **DIFICULDADE** para a qual SE QUER ENCONTRAR uma solução;

7.1.1.7.5 Definição do Problema

- O que é **DEFINIR O PROBLEMA** ?
 - É especificar a **DIFICULDADE** em detalhes precisos e exatos;
 - É especificar a **DIFICULDADE** com clareza, concisão e objetividade
- A **CLAREZA DO PROBLEMA** ajuda na CONTRUÇÃO DA HIPÓTESE CENTRAL;
- **COMO DEVE SER DEFINIDO o PROBLEMA** ?
 - Na forma INTERROGATIVA
 - Delimitando-o de forma a indicar as **VARIÁVEIS** que **AFETAM O ESTUDO** com possíveis **RELAÇÕES ENTRE SI**.
- A **FORMULAÇÃO DE UM PROBLEMA**
 - Requer **CONHECIMENTOS PRÉVIOS** no assunto, exigindo:
 - * Materiais informativos
 - * Imaginação criadora
- Deve-se evitar **PROBLEMAS MUITO ABRANGENTES**, pois tornam a pesquisa **MAIS COMPLEXA**;

7.1.1.7.6 APÓS a Definição do Problema

- **APÓS FORMULADO UM PROBLEMA**, segue-se as **ETAPAS VALORATIVAS**, analisando-se:
 - **Viabilidade:** pode ser eficazmente resolvido através da pesquisa?
 - **Relevância:** é capaz de trazer conhecimentos novos?
 - **Novidade:** está adequado ao estágio atual da evolução científica?
 - **Exequibilidade:** om esse problema, é possível chegar a uma conclusão válida?
 - **Oportunidade:** o problema atende a **INTERESSES particulares e gerais**?

7.1. RESUMO DO LIVRO “**FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA**” (MARCONI; LAKATOS)

7.1.1.7.7 Forma de conceber um problema científico

- Qual o OBJETIVO DO TRABALHO DE PESQUISA ?
 - PROBLEMA de : estudo descritivo, de caráter informativo explicativo ou preditivo;
 - PROBLEMA de **INFORMAÇÃO**: coleta de dados a respeito de estruturas e condutas observáveis, dentro de uma área de fenômenos;
 - PROBLEMA de **AÇÃO**: campos de ação onde determinados conhecimento sejam aplicados com êxito.
 - INVESTIGAÇÃO **PURA** e **APLICADA**: estuda um problema relativo ao conhecimento científico ou à sua aplicabilidade.

flowchart LR

```
A(A <b>Formulação do<br>PROBLEMA</b>)-->B(Responde as PERGUNTAS)-->C(<b>O QUÊ</b>?)  
B-->D(<b>COMO ?</b>)
```

7.1.1.7.8 Definição dos termos;

- É tornar os TERMOS DA PESQUISA claros, compreensivos, objetivos e adequados que possam dar margem a interpretações errôneas;
- O uso de termos apropriados, consistentemente definidos, CONTRIBUI para a **melhor compreensão da REALIDADE OBSERVADA**;
- Há TERMOS que precisam ser compreendidos com um **SIGNIFICADO ESPECÍFICO**;
- Há dois **TIPOS DE DEFINIÇÕES**:
 - **SIMPLES**: apenas traduzem o significado do termo ou expressão menos conhecida;
 - **OPERACIONAL**: além do significado, ajudam, com exemplos, na compreensão do conceito, tornando clara a experiência no mundo extensional.

7.1.1.7.9 Construção de hipóteses;

7.1.1.7.10 Indicação de variáveis;

7.1.1.7.11 Delimitação da pesquisa;

7.1.1.7.12 Amostragem;

7.1.1.7.13 Seleção de métodos e técnicas;

7.1.1.7.14 Organização do instrumental de pesquisa;

7.1.1.8 Teste de instrumentos e procedimentos

-